A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 30 | Domingo 23 de julho | 1893

ACTOR TABORDA

TODOS os actores que appareceram com Taborda, e foram muitos e famosos; todos os actores que vieram depois, e não são poucos já, não escureceram nunca, nem poderão jámais escurecer, a gloria d'esse grande artista, que vae ficando sempre o primeiro entre todos, velhos e novos, por maiores que sejam.

Taborda appareceu n'uma epocha difficil... sobretudo para elle. A gloria não era ainda então uma coisa banal, que toda a gente concedia, e que toda a gente podia receber. N'aquelle tempo o espirito de economia não se limitava apenas ao dinheiro, guardado no antigo pé de meia portuguez: estendia-se até aos adjectivos laudatorios, que se poupavam tanto como os pintos. E uma pleiade de actores illustres, que não se sabia ao certo d'onde vinham, nem como se tinham creado, embaraçava-se mutuamente pela concorrencia, disputava entre si, sem rancores, mas em briosa porfia, os applausos do publico e os louvores da critica.

O Theatro Normal foi uma colmea de artistas notabilissimos, uma fecunda escola dramatica onde um nobre espirito de emulação produzia melhores fructos que todo o corpo docente de um conservatorio. Era dos theatrinhos particulares, era das officinas da Imprensa Nacional que esses jovens artistas iam chegando, sem exames e sem premios. Admittidos como discipulos... dos outros, toda a sua ambição consistia em se não deixarem ficar no escuro, quando os outros avançavam para a luz. E o caso foi que nenhum d'elles cançou, que nenhuma d'essas vocações se perdeu por desanimo ou despeito. Não! Couberam todos no mesmo Capitolio, abrigaram-se, como bons companheiros de trabalho, á sombra do mesmo loureiral, e todos elles foram grandes.

Tasso, Rosa, Theodorico, Sargedas, Taborda, Santos, uma constellação de verdadeiros artistas illuminava a scena do Theatro Normal. Foi um periodo de gloria, esse, para o theatro portuguez, que Almeida Garrett acabava de reformar.

Taborda ganhou, em breve tempo, um logar definitivo, onde creou raizes eternas, porque o seu nome não poderá esquecer nunca, fica indelevelmente ligado á prosperidade do theatro portuguez.

Duas qualidades primordiaes accentuam a individualidade artistica de Taborda, dando-lhe um cunho de superioridade inexcedivel: a naturalidade e o methodo.

O seu talento não teve nunca senão duas preoccupações, que o regulam, sem o escravisarem: ser verdadeiro na arte, e segundo a arte. A primeira envolve um dom espontaneo da natureza, que o predipoz, pelo espirito e pelo temperamento, a evitar os arrebatamentos, os exageros, a febre impetuosa de certos artistas, a quem a gloria atormenta, e que erradamente julgam conquistal-a tanto mais depressa quanto mais correm para ella. Taborda possue um espirito sereno, equilibrado, que o não deixa cegar, nem queimar-se na sua propria luz. A segunda é um producto reflectido do estudo, do trabalho, do escrupulo que retempéra uma consciencia meticulosa. É o methodo, o processo, o inalteravel respeito que elle tem pela arte, por si proprio, e pelo publico. Que o applaudam muito, que o

applaudam pouco, o seu *trabalho* é sempre o mesmo, realisado não para ambiciosamente obter mais um triumpho, mas para conscienciosamente cumprir mais um dever.

Esta seriedade de artista, esta honradez profissional, rigorosamente observada, faz com que, não obstante o curso dos annos, encontremos em Taborda sempre o mesmo actor, quer represente em Lisboa ou na provincia, na presença de muitos ou de poucos espectadores.

Uma só vez na sua vida, por occasião de subir á scena no Gymnasio a *Viagem á Parvonia*, o publico faltou ao respeito devido ao grande actor, dando ruidosas manifestações de desagrado, não a elle, mas á peça.

Outro qualquer artista, do valor de Taborda, ter-se-ia despeitado pelo facto de o publico o confundir a elle com a peça, pateando-a quando elle estava em scena.

Taborda, reconhecendo que não podia valer á peça, bem ou mal condemnada, mas condemnada, não se perturbou, não perdeu a serenidade que conservou até descer o panno sobre o ultimo acto, no meio de um *charivari* enorme.

Cumpriu o seu dever com a lealdade de um soldado que não deserta por vêr perdida a batalha.

Actores ha, e de merecimento alguns, que se deixam ir ao sabor das exigencias das plateias. Quanto mais os applaudem, tanto mais elles tornam elastico o *papel*. Poderiamos citar nomes; não queremos fazel-o. Mas quando Taborda representa não é o publico que governa, é a arte. De caso pensado, como talvez tenha já acontecido, elle não *enterrou* nunca uma peça: não tem odios, nem favoritismos para ninguem. O seu decoro artistico é superior a todas as pequenas intrigas de bastidores.

Tendo perdido a nitidez da audição, que n'outro tempo possuia, limitou-se desde então a reproduzir apenas o seu reportorio antigo. Esta resolução affirma ainda a sua probidade profissional. Não quiz, por falta de ouvido, deturpar as phrases indicadas pelo *ponto*, prejudicar a obra de arte que o auctor confiasse á sua consciencia de artista. E, entrincheirando-se n'esta resolução honesta, pouco lhe importou ter que parar, cingido ás tradições do passado, emquanto os outros poderiam ir captando applausos com novas creações.

A naturalidade, que é a feição espontanea do seu feitio artistico, faz com que Taborda seja apto para desempenhar com igual felicidade tanto os papeis comicos como os papeis dramaticos.

D'aqui vem que elle está sempre na verdade, regulada pelo methodo, quer arranque surrisos ou provoque lagrimas.

Um actor comico, que se faça valer apenas pelo exagero da caracterisação e dos gestos, é absolutamente incapaz de se amoldar a um *papel* sentimental, onde todos os effeitos a produzir hão de derivar directamente do senso artistico, não sómente do jogo da physionomia e das inflexões da voz.

Nas *Recordações da mocidade*, por exemplo, Taborda percorria, a passo firme, toda essa extensa gamma psychologica que vai do riso ás lagrimas, da phrase alegremente faiscante á emoção profunda e tormentosa.

O publico, que em geral não se dá muito a estudar a indole artistica dos actores, pasmava de que Taborda conseguisse impressional-o em todos os *generos*.

Mas o segredo d'esse facto estava decerto n'uma poderosa faculdade, tão saliente como espontanea, do grande artista: na verdade das suas interpretações. A dôr é tão natural como a alegria: procurar a verdade é o mesmo que encontral-as a ambas na realidade da vida.

Todo aquelle que nasce fadado para surprehender os aspectos da natureza, para observal-a e assimilal-a, tanto se impregna das lagrimas como dos surrisos dos outros: é como a vismara, borboleta da India, que toma a côr da planta sobre que pousa.

E se a esta faculdade reune a de uma escrupulosa sobriedade de interpretação, um decoroso respeito pela arte que professa, e pelo publico que tem de julgal-o, diz com igual justeza de intenção e inflexão tanto a elegia, que provoca as lagrimas, como a facécia, que convulsiona de riso.

Todos os artistas que se aproximam de Taborda reconhecem-lhe, consciente ou inconscientemente, uma superioridade inabalavel, que a meu vêr provém d'aquellas circumstancias. Respeitam-n'o como um mestre, um privilegiado. E quando pelos palcos de Portugal passa alguma notabilidade extrangeira, que mais affinidades tem com Taborda, como por exemplo Coquelin, ficam assombrados de vêr que Taborda, muito antes de conhecer Coquelin, o igualava na verdade e no rigor da interpretação, na naturalidade e no methodo, em que nenhum excede o outro.

Lembram-se da serenidade, sobria e intencionada, com que Coquelin diz os monologos?

Sem um gesto de jogral, sem uma *grimace* de arlequim, as palavras rebentam-lhe dos labios com a certeza com que um instrumento de precisão marca uma observação scientifica. São o que são, a expressão exacta de uma ideia pela quantidade, pelo peso da intenção.

É esta tambem a grande qualidade de Taborda.

Quando elle em 1869 representou no theatro da Trindade o *Medico á força*, traduzido por Castilho, não tinha sahido do seu paiz, não conhecia Coquelin, não se deixava impulsionar por outro factor além do seu proprio instincto artistico.

E Castilho, encantado com a interpretação portugueza de Sganarello, offerecia a traducção a Taborda, *digno successor de Molière na parte do Medico á força.* Phrase concisa mas substanciosa, que dava a Taborda o maior galardão que um actor póde receber: a certeza de que, justa e precisamente, interpretou um auctor, não pondo de mais nem de menos na intenção de uma obra de arte.

O temperamento de Taborda, integrante da sua individualidade artistica, cria em torno d'elle uma atmosphera de suavidade cons ienciosa, alheia a todas as inquietações, a todas as torturas a que estão sujeitos aquelles para quem o talento é uma nevrose, e a vida um Calvario.

D'aqui procede, em grande parte, a felicidade domestica do seu lar, o remanço da sua casa, o bom humor com que elle passa um dia ou uma noite em caminho de ferro para ir representar na provincia, sentindo-se bem na mais sertaneja villa do paiz, se lhe não faltarem noticias da familia, caso unico que póde obrigal-o a recolher a Lisboa sem ter descançado da viagem.

Não é como aquelle Lagartijo dos *Toros de puntas* que não queria trabalhar n'uma povoação de seiscentos habitantes.

Taborda tem percorrido todo o paiz e, quem o vê representar na provincia, não lhe acha differença se torna a ouvil-o em Lisboa. É por isso que toda a gente repete admirada, de anno em anno: «Este Taborda não envelhece!» Ah! o homem, infelizmente, tem envelhecido, mas o artista é sempre o mesmo, desinteressadamente, escrupulosamente o mesmo.

Como todos os artistas excessivamente modestos, elle é, na vida social, um pouco concentrado. A *étalage*, por que tantos se tem feito valer, envergonha-o, esmaga-o.

Não quiz nunca distinguir-se pelo fato, comquanto venha do tempo em que era moda isso. E quando vai a um theatro vêr representar os collegas, é sempre ao fundo da platéa, relegado junto á porta, que elle se senta, de mão enconchada na orelha, para ouvir o dialogo que lhe foge.

Nunca disse adeus a ninguem sem levantar o chapeu da cabeça: reparem n'isto, que imprime caracter. E sempre que alguem precisa do concurso do seu talento, elle não se faz esperar, parte immediatamente para onde o chamam, — de graça, quasi sempre.

ALBERTO PIMENTEL.

POLITICA SEM POLITICA

O caso politico da semana mais apropriavel a este logar é sem duvida o da expulsão do ex-tenor De Bassini com sua familia.

Alquebrado da larynge, dizia-se, Bassini sollicitára um emprego na Casa Real, e o obtivera. Foi assim que os jornaes noticiaram a chegada d'esse cavalheiro a Lisboa, haverá cerca de tres semanas ou um mez.

Hontem, porem, quando o subdito de S. M. Umberto mal se precatava, eis que o sr. commissario geral, que, pelo seu conhecimento das linguas, tem a especialidade das prisões estrangeiras, lhe dá voz de preso. Seguidamente De Bassini é enxoviado e posto incommunicavel, e ás 7 horas expedido com sua familia, em companhia de dois alguazis para... Badajoz.

Porquê?

Porque não era verdade o que dizia de ser empregado da Casa Real — eis o que officialmente se informa.

E' claro que a explicação a ninguem satisfez, a começar pelos que a davam, e assim sobre o acontecimento ficou pairando um ar de mysterio melodramatico, que, se é menos conveniente para os que ficam, muito deve, ao contrario, lisongear o antigo D. José, da *Carmen*, subitamente elevado á cathegoria de *conspirador d'estado.*

Mas o que conspirava o ex-tenor De Bassini?

Conspirava para que se fizesse por cá mais uma tolice.

E fez-se!

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

As raras familias da sociedade elegante, que ainda se conservam em Lisboa, só podem agora ser vistas, na *gare* do Rocio, á hora em que os comboios partem para as provincias do norte. Vão ali, ou para seguir viagem, ou para se despedir de alguma pessoa que parte, promettendo encontrar-se em breve, á sombra das mesmas arvores e á beira do mesmo regato.

Francamente, a não ser por *chic*, por moda, por elegancia, não comprehendemos bem a razão de uma pessoa se ausentar de Lisboa, que, sendo a cidade mais amena, durante os mezes de inverno, é ainda a mais agradavel, a mais fresca e a que mais recursos offerece durante os mezes de verão.

Ainda se admitte que as familias elegantes de Paris procurem reunir-se em Vichy, em Royat, em Aix-les-bains, quando se fecham na capital os salões e os theatros, e sobre os *boulevards* cae, durante o dia e durante a noite, um calor insupportavel e abafadiço. N'aquellas estações a temperatura é mais suave, e ha theatros, casinos, passeios e concertos, onde toda a gente se reune, de dia e á noite, para conversar e se divertir. Mas nas estações thermaes do nosso paiz, não succede o mesmo. O calor é ainda mais intenso do que em Lisboa, as estradas são desprovidas de

sombra e cobertas de pô; e, como não ha theatros, nem casinos, o desgraçado forasteiro vê-se obrigado a recolher a casa á hora do pôr do sol, restando-lhe, como espectaculo que lhe alegre a vista, o reluzir das estrellas no firmamento, e, como musica que lhe encante os ouvidos, o ladrido longiquo e feroz dos cães de quinta, que a cada momento saltam aos muros, para se darem ares fanfarrões de que estão sempre vigilantes contra qualquer ataque! Bem sabemos tambem, que, em chegando esta epocha do anno, as brisas do Tejo, que refrescam a temperatura, nem sempre são impregnadas do suave aroma das rosas e dos jasmins, e que o habitante que vá procurar a inspiração do poeta nas margens do rio, contemplando extasiado o reflexo da lua na superficie serena das aguas, se arrisca a ter de fazer testamento, antes de fazer o poema. Mas ter de morrer de um typho ou ter de morrer de tedio, tudo é morrer, com a unica differença de que o primeiro caso sempre deve ser mais interessante, se não para a victima, pelo menos para o medico e para o boticario.

N'uma das engraçadas comedias de Shakespeare figura um personagem que teve um dia a triste e melancholica ideia de se fazer pastor de gado. Ao cabo de um certo tempo, lamentava elle a sua sorte, receiando que a convivencia por valles e montanhas com o rebanho o transformasse em carneiro. Não nos parece que fosse inteiramente infundado este receio. Nunca a gente se deve fiar demasiadamente na efficacia dos bosques, desde que a sciencia demonstra que é a flora que contribue poderosamente para a formação da fauna.

E, emquanto, por entre a verde folhagem das devezas, passeia e espairece a nossa sociedade elegante, nós cá ficaremos tristes como a pobre Calypso, procurando chorar as nossas maguas nas grutas sombrias do Colyseu, onde as irmãs Morenos se saracoteam nos animados compassos do *bolero* e *miss* Fuller perpassa elegante e airosa no *papillon* da *Serpentine*.

GRAZIEL.

ZORAH!

Logo que se passam as muralhas do *kasbhad* d'Argel, entra-se em pleno campo. É — tanto quanto a vista póde alcançar — uma extensa planicie, que se perde ao longe, no horisonte, em pequenas colinas azues. Aquem e alem, n'aquella terra secca, dura e calcinada pelas lufadas ardentes do deserto e pelos raios intensos do sol, algum raro massiço de cactus e uma ou outra palmeira solitaria destacam-se tristemente no fundo azul do céo! No sopé da montanha em que se levantam os muros do *kasbhad* ha uma agglomeração de miseraveis casebres habitados por alguns arabes pobres, que, ao romper da manhã, mendigam nos mercados da cidade, passando depois o resto do dia deitados ao sol, a fumar, envoltos em albornozes esfarrapados.

Era meio-dia quando ali passei para ir vêr a *Ravina da mulher selvagem*. Á porta de um dos casebres havia parado um magote de gente. Approximei-me para observar o que succedera; e, apenas assomei á porta, deparou-se um quadro deveras commovente. N'uma loja terrea, nua e triste, jazia estendido sobre uma esteira o cadaver de uma negrinha. A um canto, agachada no chão, com a cabeça pendente sobre os joelhos e toda coberta com os andrajos de um velho albornoz côr de terra, uma pobre mulher soluçava e gemia, suspirando a cada momento:

— Zorah! Zorah!

E ainda fazia maior pena o vêr, em meio d'aquella desolação e d'aquella miseria sombria, o corpo da negrinha amortalhado n'um lindo albornoz novo, muito branco, de cujo capuz o seu rosto magrinho e rigido sobresahia, com a bocca entre-aberta, os labios sem côr e os olhos abertos, immoveis e sem brilho.

— Zorah! Zorah! — gemia a pobre mãe, acocorada ao canto da loja e toda coberta de andrajos!

*

Dois dias depois, o vapor que me transportava de Oran

FOLHETIM

UMA FLOR D'ENTRE O GELO

IV

«A morrer por ella e o mundo a rir-lhe na sepultura, se suspeitasse a causa que o arrastou alli!

«Elle não olha com saudade para as andorinhas que partem, para as flôres que murcham, para o sol que declina; não as desejara tornar a vêr nem que o vissem evocar da campa, quando gosasse já do unico somno tranquillo que lhe resta agora dormir.

«Este sim que é o verdadeiro infortunio! Peça á imaginação que lhe faça conceber essa tortura e, se tem um coração generoso, chore por ella; mas não procure conhecel-a, seria obrigada a rir e, rindo, a commetter uma impiedade.»

Acabando de escrever estas palavras, Jacob Granada abandonou aquelles sitios com a precipitação de um criminoso que se afasta do logar do delicto.

V

Dias depois escrevia Valentina a uma das suas amigas a seguinte carta:

«Minha querida.

«Deves suppôr-me morta. Um silencio de mezes depois de partir para a aldeia auctorisa um necrologio. Pois enganas-te; vivo, vivo como nunca vivi, como nunca suppuz que se vivia no mundo. Eu bem suspeitava que havia de existir algures uma outra vida melhor para mim do que a que passavamos ahi; e contrario d'isto era dotar o auctor da creação de um poder imaginativo inferior aos dos nossos romancistas, cujos planos na vida me agradavam mais; confesso-o. De facto existia. Tive a felicidade de encontral-a. Estou salva!

«Os ares livres, o cheiro balsamico dos pinheiros, a pureza das aguas, a sadia simplicidade da cozinha campestre, os habitos regulares, vigilias moderadas, somnos convenientes, dirás tu, quasi disposta a fazer as pazes com a hygiene, essa impertinente que nos amargurava a existencia, clamando contra os nossos mais queridos passatempos e formulando absurdas regras de bem viver.

«Não te illudas porém. Olha que nada d'isso me salvou.

«Sentia-me definhar no meio d'essa feliz combinação de circumstancias salutiferas e não obstante o uso moderado que fazia das drogas medicinaes.

«Se eu bem sabia que a minha doença não estava no pulmão, não estava nos nervos, não estava no sangue, como elles diziam!

«O doutor Jacob, esse *talmud* encarnado, que me fitou logo á primeira vez um olhar que parecia não dever encontrar obstaculo até o mais intimo da alma, como se enganava tambem!

«Queria reconstituir-me o sangue, dizia elle; esta agitação febril que me atormentava acalmaria depois; mas dizia-me isto tão distrahido, que parecia não acreditar muito na opinião que formulava.

«Sabes que mais? A respeito dos medicos, como de outras muitas cousas, os romancistas e dramaturgos tornam-me o gosto muito difficil de contentar.

para Malaga levantava ferro ás 9 horas da noite. Chovia e soprava o vento do sudoeste. O dia seguinte, porem, amanheceu encantadôr, com o ceo muito azul, o ar sereno e o mar tranquillo. O vapôr cortava as ondas sem grande balanço, deixando uma esteira branca de espuma que se estendia á superficie do mar, como uma longa fita de prata que se fosse desenrolando da helice.

Todos os passageiros appareceram então no tombadilho; e entre elles um chefe kabila, alto, de tez bronzeada, com um bello turbante branco na cabeça, albornoz de lã de camello aberto no peito deixando vêr o *caftan* encarnado todo chamarrado de ouro relusente. De pé, encostado á amurada do vapôr, o chefe kabila comia lentamente os bagos de um grande cacho de uvas brancas da Argelia, olhando indifferente os outros passageiros que passeiavam ao longo do convés. De repente, o seu olhar fixou-se n'um grupo que apparecia á porta da escada que desce para a camara. Era uma *bonne*, de avental branco, conduzindo pela mão uma linda creança de cinco annos. Se era linda a creança! Linda, com o seu vestidinho côr de rosa, os olhos muito azues e os cabellos muito finos, de um louro claro de estriga, cahidos até ao cabeção de rendas. A creança, apenas chegou, soltou-se da mão da criada, e deitou a correr para junto da mãe, que estava sentada ao fundo do tombadilho, a ler.

—Ah! Nini!—disse a mãe beijando a cabeça da creança —E o veo, minha filha?

Approximou-se a criada, entregando um veo de gaze branco, que a mãe collocou na cara da creança, atando-o sobre a nuca.

Só mais tarde é que comprehendi aquelle resguardo n'uma manhã tão serena, sem vento e sem frio. No rosto mimoso e branco da menina restavam ainda alguns vestigios de uma infecção de variola; e era sobretudo em volta dos labios que a pelle tenra estava mais mordida, com pequeninas marcas côr de rosa.

A Nini achegou-se aos joelhos da mãe, e perguntou-lhe com uma voz triste e maguada:

—Mamã, a Zorah? Eu quero a Zorah.

A mãe acariciou com ternura a filha, e não respondeu.

—A Zorah?—repetiu a pequena—A Zorah?

*

Depois do almoço, quando os passageiros voltaram para o tombadilho, recomeçou a pequenita a pedir á mãe a sua Zorah.

—Logo á noite, minha filha. Logo á noite, has-de vêr a Zorah!

—Aonde?

—No ceo!

Como eu assistisse á conversa, apenas a Nini se affastou para junto da criada, contou-me a mãe o motivo d'aquelle incessante pedido da filha.

Zorah era uma negrinha arabe, que ella tomára para seu serviço, quando fôra para Argel com o marido que era official da guarnição. De tal modo a filha se affeiçoou á negrinha, que não estava contente quando a não tinha ao seu lado. Zorah tinha apenas sete annos, e era tão affectuosa, tão humilde, tão meiga e tão docil, que se sujeitava a todos os caprichos da creança, ficando horas e horas a contemplal-a com uma verdadeira adoração. Quando se via a um espelho, lamentava não ser branca, e ter—pobre negrinha!—em vez dos cabellos longos, finos e dourados da Nini, um cabello curto, negro e crespo.

Uma vez, declarou-se em Argel uma epidemia de variola. Calcule-se que cuidado tivera a mãe da Nini em livrar a filha da terrivel enfermidade! Infelizmente, todos os resguardos foram baldados!

A Nini adormeceu uma noite com febre, e no dia seguinte manifestaram-se-lhe as bexigas. Foi então que a Zorah se dedicou inteiramente á pequenina, não abandonando um só instante a cabeceira do leito, consolando-a, amimando-a e chorando tambem, se acaso a via chorar! Quando a Nini se queixava, com uma voz debil e plangente, de que tinha a cara em fogo, a Zorah collocava a palma da sua mão nas faces da doente. Ás vezes, deitava a cabeça na travesseira,

---

«Onde está esse ideal do medico que sabe curar com uma palavra, com um gesto, sem ser por o intermedio de um *recipe*, de umas pilulas ou de um xarope? o medico que aprendeu a calcular o valor de uma commoção de espirito que faz uso conveniente das qualidades moraes dos seus doentes? Em parte nenhuma. E eu que tinha a simplicidade de acreditar na verosimilhança dos lances curativos, deixa-me assim chamar-lhes, que observava nos theatros! Foi uma outra illusão que perdi. Paciencia.

«Jacob Granada não fórma excepção á regra. É um homem abominavel no seu positivismo este doutor! Para elle tudo são congestões, hypertrophias, inflammações, que sei eu?...

«Seria capaz de sangrar um poeta no ardor de composição litteraria, a titulo de uma congestão cerebral.

«Ora eu é que não podia acceitar para mim semelhante idéa de lesão Repugnava-me.

«Por que me interroga só o pulso? dizia-lhe eu; por que me não interroga o pensamento, a imaginação? Não sabe que tenho vinte annos? não sabe que penso, que sonho, que concebo e que a differença entre as minhas concepções e a realidade me póde fazer padecer? Não vê que é toda affectiva a minha doença? Quer curar-me com opio, com ferro, com tonicos e calmantes? Olhe o que faz. Não se lhe importe com o meu sangue, importe-se com o meu espirito, com as minhas phantasias, com as minhas crenças. Complete a sua sciencia. Os seus livros de medicina não lhe falam de uma doença que consiste apenas em anhelos não realisados? Dê a isso um nome grego e terá feito uma descoberta.

«O velho medico ouvia-me calado. Ou não me entendia, ou scismava ainda na lesão organica de que á força me queria fazer presente, e nem attenção me dera.

«Mas eu dizia-lhe a verdade; e a prova... Ouve:

«Lembras-te d'aquellas heroinas dos contos de fadas, que tanto nos entretinham em creanças? Eram umas princezas muito bonitas, muito ricas, muito sábias, mas victimas de uma doença desconhecida. Vinham os medicos de todas as partes do mundo, visitavam-n'as os sabios mais afamados, os cofres de el-rei, seu pae, traziam dos mais longiquos paizes as drogas medicinaes que a sciencia aconselhara; e ninguem lhe atinava com a molestia, e nada lhe realisava a cura. A menina definhava-se a olhos vistos, já nem sabia sorrir. Era uma cerração de tristeza aquella, que nenhum raio de sol atravessava.

«Um dia porém... Recordas-te do que acontecia? Era o ponto culminante do interesse. Chegava um pastor, um Adonis em belleza, desculpa-me a referencia mythologica, do rosto imberbe, de cabellos louros, de sorrir angelico, e com um pomo silvestre, um ramo de flôres do campo, ou com os sons rudes de sua frauta pastoril, fazia o milagre. Trazia o sorriso aos labios da menina, o colorido ás faces desmaiadas, a vida ao coração desfallecido... ai, ao coração sobretudo. Já ella erguia a cabeça; que até alli pendera em morbidez, já não procurava a solidão, já não aborrecia o mundo, os enfeites, as riquezas. Mas fôra o pomo, o ramo de flôres, os sons da frauta que produziram o phenomeno? Qual! Fôra o mesmo portador, o pastor desconhecido que um occulto presentimento trouxera ali. Amava, está explicada a cura. Restava inclinar-se do alto do seu throno para extender a mão agradecida ao sympathico salvador, ajudal-o a subir os degraus, e sental-o a seu lado, tremulo de sobresalto e de amor, e... era de uma vez um [illegible]

applicava a sua face contra a de Nini; e sorria-se a negrinha de prazer, ao vêr como assim a consolava o contacto da sua pelle fria.

Melhorou a Nini, decorrida uma semana. Quando o medico do regimento declarou a creança livre de perigo, tal foi o jubilo que sentiu a Zorah, que desatou a saltar e a chorar de alegria!

Mas, um dia, appareceu a Zorah tambem muito triste, muito abatida, deixando-se ficar a um canto do quarto, silenciosa, a tremer de frio e toda encolhida nas dobras do albornoz. Á noite, teve um accesso febril, e, na manhã seguinte, declarou-se-lhe a variola.

A mãe da Nini sobresaltou-se. O medico aconselhou que desviassem d'ali immediatamente a negrinha. N'essa mesma tarde foi a Zorah transportada para casa da familia; e, quando a deitaram n'uma maca de ambulancia, pediu com uma voz soluçante e com os olhos cheios de lagrimas que lhe deixassem, ainda uma vez, vêr a sua Nini. Foi já na rua, á porta da casa, erguendo a custo a cabeça da travesseira, que ella viu, por dentro dos vidros da janella, a menina ao collo da mãe, a sorrir e a dizer-lhe adeus com a mão.

No dia seguinte, a Nini partia com a mãe e com uma criada para Oran, e ali embarcava no vapor da carreira de Malaga, para onde ia fugida ás ameaças da epidemia. Antes de entrarem no vapor, chegou um telegramma dando a triste noticia da morte de Zorah!

*
* *

Quando no alto mar cahiu a noite, a Nini, separando-se um momento dos joelhos da mãe, collocou-se no meio do tombadilho, ergueu a cabeça, e, com os olhos fitos no céo, e apontando com o dedinho as primeiras estrellas que iam lusindo no firmamento, dizia baixinho, com uma voz supplicante:

— Onde estás, Zorah? Vem á Nini, Zorah!

GRAZIEL.

Anniversarios da semana

Domingo 23 — As sr.as: Baroneza da Urgeira (D. Maria Izabel), D. Izabel de Sousa Coutinho (Linhares), D. Maria Izabel Leite Ribeiro Corrêa (Vallado), D. Margarida Lobo da Silveira (Alvito), D. Eugenia Maria Saldanha de Sousa e Andrade (Capellinha), D. Maria José de Vasconcellos e Sá (Albufeira), D. Marianna Augusta de Castro Monteiro Torres de Moraes.

E os srs.: Barão de Paço de Sousa, Carlos Augusto Corrêa (Bomfim), Arthur Pinheiro d'Almeida da Camara Manuel.

Segunda-feira 24 — As sr.as: D. Carolina Izilda Ferreira d'Almeida (Carvalhido), D. Barbara da Silva e Noronha (Vargas), D. Maria Luiza Burnay, D. Ermelinda Pinto Leite de Mello Gouveia, D. Bernardina Angelica Perdigão da Camara Manuel, D. Maria da Luz Mello, D. Marianna Sarmento Ottolini, D. Marianna Amelia Infante Maldonado Pessanha.

E os srs.: Julio Cesar Cau da Costa, Gustavo Adolpho Rubim Gorjão, Annibal Achilles Martins, Henri Dupuis.

Terça-feira 25 — As sr.as: Marqueza da Foz, D. Anna Amelia Soares d'Albergaria (Areias de Cambra), D. Maria Augusta d'Oliveira e Sousa Torrezão, D. Esther da Cunha Bellem Andrade, D. Eugenia Maria de Noronha.

E os srs.: Conde de Calhariz de Bemfica (Luiz), Barão de Esposende, Conselheiro Manuel Teixeira Basto, Gustavo Ferreira Pinto Basto, Benjamin Buzaglo.

Quarta-feira 26 — As sr.as: D. Maria Sophia de Castello Branco (Bellas), D. Barbara Camilla Ferreira Pinto Basto, D. Marianna Carlota Olympia Bruschy, D. Edwihes de Vasconcellos Mourão, D. Gertrudes Emilia do Valle Mourão, D. Joanna Emilia Romana Folque.

E os srs.: Conde de Fornos de Algodres, Conde de Sobral, D. José Freire de Serpa Leitão Pimentel, Alberto Catalá, Augusto Carlos d'Almeida Didier.

Quinta-feira 27 — As sr.as: Condessa de Cintra, D. Maria José do Livramento Sousa e Castro Cotta e Menezes (Azevedo), D. Luiza Carlota de Azevedo Osorio, D. Maria da Gloria Ornellas, D. Amelia Couceiro da Silva, D. Maria Benedicta Paes de Sande e Castro, D. Eugenia Esteves de Moraes Sarmento, D. Anna da Conceição Dias Barradas.

E os srs.: Conde de Ficalho, Agnello Barbosa, Ernesto Tomasini.

Sexta-feira 28 — As sr.as: Viscondessa de Benalcanfôr, Viscondessa de S. Thiago de Cayola, D. Joaquina Saldanha da Gama (Ponte), D. Thereza Maria Bessone, D. Amelia Chamiço Biester, D. Adelaide Julia da Costa Botelho Moniz, D. Leonor de Carvalho, D. Maria Amalia Street da Cunha (Carnide).

«Eis a minha historia tambem, feitas as devidas alterações no que diz respeito á belleza, á sabedoria e jerarchia da heroina. Pelo menos se não é ainda a minha historia inteira, parte d'ella se realisou já.

«Imagina que parti d'ahi perdida. Parecia-me que tudo estava a findar para mim. Era um mal interior que me ralava, que me inquietava, que me impedia repousar. Impacientavam-me as distracções, suffocava-me a atmosphera das salas de baile e dos theatros, aborrecia-me a sociedade, sorria-me a idéa da solidão de um claustro. Tenho a alma morta, dizia eu commigo, como lhe ha de sobreviver o resto? Olha que acreditava sinceramente que me tinha morrido a alma.

«Suscitei apprehensões nas minhas amigas. Lembra-me que me impuzeste a medicina com desusada severidade. A medicina! Eu bem sabia o que ella viria fazer, mas obedeci. Ares! ares! — exclamou ella — julgo que para se vêr livre de mim, como de quem suspeitava poucas probabilidades de victoria. Ares! ares! — repetiste tu e o côro das pessoas que se interessavam por mim. Foi-me forçoso condescender.

«Dias depois rendia preito e homenagem á pouco tratavel sciencia do doutor Jacob Granada, actual superintendente da minha saude.

«Respirei a plenos pulmões o ar que me aconselhavam; rompi com os meus habitos de indolencia para saudar as madrugadas, realmente bonitas, que se gosam d'aqui; soltei os cabellos ás brizas salutares, embalsamadas pelos aromas dos campos, mas a vida da natureza, cujo contagio procurava, não se me communicou. Era o mesmo desfallecimento, a mesma impaciencia, a mesma inexplicavel mobilidade.

«Forçava-me a sorrir, a gracejar, divertia-me a educar convenientemente [illegible] inflexivel do meu facultativo; mas cá dentro tinha o r[illegible] me pungia.

«Uma manhã... attende agora, que chegou o momento solemne; uma manhã impressionaram-me tão dolorosamente os signaes de decadencia, que, não obstante a amenidão do dia, eu por toda a parte reconhecia no campo que, precisando de dar expansão áquella melancolia para que me não matasse, fiz versos.

«Para outra vez t'os enviarei; deixei os escriptos na parede de uma capella, unico systema de publicidade que está em voga por aqui. Despedia-me das andorinhas que eu via partir, e despedia-me para sempre, porque um presentimento me dizia que o outomno me seria fatal.

«Quem me observava, emquanto eu escrevia? Não sei. Mas, dias depois, voltando ao sitio onde me accommette este accesso litterario de desesperação, vi que alguem m'o havia commentado. Li. Suspeitas o que era?

«Uma declaração de amor. Sou amada, ouves? comprehendes? Amada e por um homem que não conheço. Ha na sua existencia um mysterio; seu amor, que elle diz nobre, puro, com o qual se engrandece, de que se orgulha, não o póde revelar, porque o mundo o condemnaria á irrisão. Tanto maior é a pureza d'elle, tanto maior seria o escarneo que attrahiria sobre si se o revelasse. Ahi tens um enigma; sabes decifral-o? Tenho pensado muito n'isto e, olha, julgo que adivinhei.

«É a historia da princeza.

«É algum nobre rapaz, enthusiasta como um poeta, timido como uma creança, mas de origem obscura e a quem aterra o meu appellido aristocratico.

(Continúa).

JULIO DINIZ.

E os srs.: Conde de Santo André, Christovam d'Almeida d'Azevedo de Vasconcellos Cabedo de Lencastre (Reriz), Dr. Joaquim Travassos Valdez (Bomfim), Antonio Bernardo Ferreira, João Eduardo de Lencastre Menezes.

Sabbado 29 — As sr.as: D. Maria José da Graça Pereira Coutinho (Soydos), D. Maria Angelica da Silva, D. Anna Julia de Lima e Silva, D. Maria Carolina da Cunha Vieira Salles Lobo, D. Marianna Thomazia d'Aquino Santos.

E os srs.: Conde dos Olivaes, Barão de Almeirim, Francisco Xavier de Vasconcellos Coutinho Cabral, José Martins de Queiroz, João Eduardo Lencastre Sotto Mayor e Menezes.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

CARTAS Á FILHA

Nas casas que modernamente se estão construindo existe já, logo que se transpõe a porta de entrada, uma saleta a que se chama *vestibulo*. Antigamente esta saleta era quasi inteiramente desprovida de mobilia. Quando muito, tinha um banco em que se sentavam as pessoas que ali esperavam, e sem nenhum adorno que lhe tirasse o aspecto frio e triste. Hoje, não.

Além do banco, que póde ser forrado de um bonito estofo, agaloado, colloca-se uma larga meza, sobre a qual deve haver um tinteiro, pennas, papel, tudo emfim que seja necessario para escrever. Quando o mobiliario do vestibulo não seja homogeneo e d'um estylo bem caracteristico, colloquem-se diversas cadeiras de uma fórma original. Do tecto deve pender um candieiro que se accende á noite. Um tubo de porcelana japoneza — ou outro qualquer utensilio que sirva para o mesmo fim — estará ali tambem para receber os guarda-chuvas das visitas; nas paredes, alguns *cabides* elegantes ou capeiros (como antigamente se chamavam) para se pendurarem os casacos d'agasalho, as capas, etc., etc.

É, como te disse, indispensavel guarnecer o vestibulo. Esse adorno póde consistir em alguns paraventos de gosto e plantas verdes, de larga folhagem. Se não tiveres uns vasos de boa faiança para essas plantas, conserva-as em vasos de barro ordinario, e cobre-os com uma *draperie* que seja vistosa e de pequeno custo.

Um tapete e os reposteiros dão ao vestibulo um aspecto confortavel. Se não poderes ter a janella com *vitraux*, o que é elegante e bonito, ao menos dispõe uns *stores* de côr, de padrão original, para suavisar a claridade do aposento.

É no vestibulo que deve ficar o relogio de parede, o barometro e o thermometro. Tambem ali fica muito bem um espelho de moldura original e um ou outro quadro a oleo, a aguarella ou gravura.

EPHEMERIDES SEMANAES

9 — Morte do dr. Francisco Alberto d'Oliveira.

10 — Reune a Associação Commercial para approvar uma representação á Camara dos Pares contra o projecto da contribuição industrial, e vae *in-continente* entregal-a á mesma Camara.

11 — O sr. ministro da justiça apresenta á camara dos deputados o projecto de lei approvando o breve apostolico para que o dia de S. José seja sanctificado.

12 — O sr. Polycarpo Anjos, membro da Associação Commercial e par do reino, classifica de inconvenientes, na Camara, os termos da representação da Associação Commercial.

13 — Morte do jornalista Joaquim de Seabra Pessoa, critico musical do *Diario de Noticias*.

14 — Regressam a Lisboa S. M. a Rainha a Sr.ª D. Maria Pia e S. A. o Sr. Infante D. Affonso.

— O governo recebe telegramma do ministro portuguez no Rio de Janeiro, annunciando a suspensão de garantias na capital federal. É mandada seguir de Loanda para o Rio a corveta *Mindello*, a fim de proteger os subditos portuguezes.

— Sessão rethorico-patriotica na Camara dos Deputados, a proposito do banquete republicano hispano-portuguez em Badajoz.

— A direcção da Associação Commercial dá a sua demissão, por causa da fórma como foi acolhida a representação contra a contribuição industrial.

15 — Encerramento da sessão legislativa.

16 — Ascensão de mr. Porlie no balão *Jupiter*, no Jardim Zoologico.

17 — Regressa de Castello Branco o general Moreira, commandante da 1.ª divisão, partindo em seguida para as Caldas da Rainha.

18 — É resolvido no Supremo Tribunal, a favor do sr. Conde da Penha Longa, o pleito relativo á herança do primeiro Conde d'este titulo.

19 — Realisam-se na Escola do Exercito os exercicios finaes d'este anno, assistindo El-Rei e o Sr. Infante D. Affonso.

20 — São nomeados governadores geraes d'Angola o sr. Alvaro Ferreira, e de Cabo Verde o sr. Fernando de Magalhães e Menezes.

— S. M. El-Rei e o seu ajudante, major Malaquias, arrancam das mãos de um furioso, em Cintra, um desgraçado que estava sendo espancado por este.

— É expulso do territorio portuguez o tenor De Bassini.

21 — O sr. Sanchez de Moguel vae a Cintra entregar a S. M. a Rainha a acta da sessão em que a Academia de Madrid louvou S. M. pelo interesse que tomou pela restauração do tumulo da Rainha Santa Izabel, princeza d'Aragão.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRÇOS

Real Colyseu

A companhia de oppereta italiana, que tem trabalhado no Colyseu dos Recreios, começou hontem a funccionar no circo da rua Nova da Palma.

Com a mudança de theatro em nada se modificaram as condições dos cantores, de modo que a companhia encontrará nos espectadores do Real Colyseu os mesmos applausos que tem recebido no dos Recreios, e dizemos os mesmos applausos porque são positivamente os mesmos espectadores que a hão de apreciar.

A mudança d'um Colyseu para outro da companhia italiana dá ensejo a applicar-se o conhecido dictado francez:

Plus ça change, plus c'est la même chose!

*

Colyseu dos Recreios

N'este Colyseu estreiou-se uma companhia de zarzuella e conjunctamente o baile hespanhol, dansado pelas irmãs Morenos.

Ha quatro annos que estas insignes bailarinas estiveram em Lisboa. Nem a imprensa nem os cartazes de então annunciaram com grandes pompas de estylo as duas artistas; mas, apenas ellas entraram no palco, uma vestida de *majá*, outra com os formosos trages femininos do seculo XVIII, e deram os primeiros passos do *bolero*, o publico fez-lhes uma enthusiastica ovação. É que nunca se tinha visto tão gracioso grupo dansar com tamanha perfeição.

Nos principaes theatros de Hespanha as irmãs Morenos são apreciadas como sendo as mais notaveis artistas d'aquelle genero de baile.

*

Trindade

Continua em scena o *Brazileiro Pancracio*.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio. A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1